

CONFLUÊNCIAS LITERÁRIAS: TRADIÇÃO E MODERNIDADE NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Dossiê dedicado à Luci Ruas
(1948-2024)*

O dossiê *Confluências e sendas literárias*: perspectivas e diálogos nas literaturas de língua portuguesa apresenta abrangente panorama das múltiplas vozes que compõem o rico universo das literaturas em língua portuguesa, o que nos permite também explorar a relação entre tradição e modernidade, evidenciando nuances do presente. A perspectiva de confluências literárias refere-se ao encontro dinâmico entre textos, gêneros e temporalidades, propondo uma leitura integradora das manifestações estéticas que atravessam diferentes momentos de produção e de reflexão crítica.

Tentamos estabelecer complexa síntese com base em textos de temáticas heterogêneas. Nesse sentido, o dossiê, quer no primeiro, quer no segundo volume, efetua significativo panorama de análises críticas, reflexões e diálogos em torno de autores e obras que marcam a riqueza literária do universo lusófono. Dessa forma, por intermédio de abordagem interdisciplinar e comparativa, os artigos reunidos exploram gêneros literários distintos, desde a produção lírica e dramática passando pelo romance, contemplando, em chave integrativa, autores canônicos, os excluídos do cânone e os contemporâneos.

Perspectivando, portanto, os itinerários de leitura deste número 59, os leitores encontram confluências e sendas nos textos que abordam questões literárias clássicas, mitológicas e críticas. A organização acontece com base nestes eixos: poesia, mito e fábulas na tradição literária; intertextualidade, releituras, leituras comparativas; personagens e cultura oitocentista; literatura gótica e fantástica. Cada eixo ilumina interseções entre obras canônicas e marginais, entre vozes consolidadas e emergentes, revelando como a literatura lusófona é um campo de tensões e diálogos permanentes.

Neste primeiro volume do número 59 da *Itinerários – Revista de Literatura*, Leonardo Zuccaro, em “*Fabulae in certamine: As academias e os lugares da fábula mitológica*”, resgata como as fábulas mitológicas foram onipresentes na vida literária espanhola sobretudo durante o século XVII. Mostra como as fábulas mitológicas produzidas em Portugal foram, ao longo dos séculos, relegadas a uma posição inferior em relação às espanholas, principalmente, devido ao desconhecimento de

poemas desse gênero por parte da historiografia literária. Assim, em sua discussão, retoma a antologia *Fênix Renascida*, de impressão setecentista, à medida que propõe trazer à luz, mediante indícios textuais e bibliográficos, a produção de fábulas mitológicas em certames poéticos propostos em academias portuguesas, sobretudo durante a segunda metade do século XVII. Tal abordagem evidencia o local e a circunstância compositivas de poemas desse gênero.

A lírica de Sophia de Mello Breyner Andresen aparece em dois momentos. No primeiro, Wendel Francis Gomes Silva, em “Leituras de *Navegações* (1983): poéticas do mar em Sophia de Mello Breyner Andresen”, aborda como a poeta portuguesa evoca a grandiosidade do mar pela experiência da viagem de descobrimento, marcada pelo espanto do olhar que revela o mundo. O autor discorre sobre como, ao explorar tal temática, Sophia de Mello Breyner Andresen estabelece franco diálogo com a tradição literária portuguesa, evocando nomes como Luís de Camões, Fernando Pessoa e Jorge de Sena. Em meio a essa multiplicidade de vozes, a autora revisita, a tradição épica e marítima de Portugal. Dessa forma, o artigo analisa a relação entre o sujeito lírico andresiano e o mar, observando o modo que os ecos e vozes literárias perpassam e/ou interagem com sua própria escrita.

Já Mônica Genelhu Fagundes e Leticia Nery, em “Eurídice fugidia - a ninfa andreseniana”, debatem como a ninfa Eurídice representa um *tropo* vital para a discussão acerca da linguagem e da escrita empreendida na poética andresiana. Em sua concepção metafórica, a personagem representaria o fracasso da busca pela poesia, a qual não pode ser alcançada em plenitude ideal e se reverte no próprio poema, sendo esta encenação de esforço e de perda – a tentativa de captura do pássaro do real, nas palavras da própria Sophia de Mello Breyner Andresen, em “Arte poética III”. Assim, almejam compreender como essa ninfa percorre a obra da poeta e o que tal presença indica a respeito da poética andresiana.

Em “‘Mudados consoante os olhos que os veem’: Camões e Pessoa segundo Saramago”, Marcelo Franz se volta a produção de José Saramago, especificamente, a peça *Que farei com este livro?* e o romance *O ano da morte de Ricardo Reis*. Utilizando como instrumental teórico as reflexões de Gérard Genette a respeito da transtextualidade, observa as relações intertextuais que os textos saramaguianos estabelecem com Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa. Evidencia, na argumentação, as vivências de criação literária pelos protagonistas em contextos de crise, o que aponta para a discussão sobre o lugar do escritor na sociedade e como as eventualidades dessa experiência interferem na receptibilidade do que é produzido pelo artista. As metáforas do exílio e do retorno ganham contornos enquanto eixos importantes nos enredos.

Continuando no campo do drama e das figuras alçadas à categoria de míticas da portugalidade, Mariana de Oliveira Arantes se volta para Natália Correia, em especial, Dom Sebastião, em “As presenças do rei D. Sebastião na dramaturgia de Natália Correia”. Este trabalho apresenta uma análise da construção do herói

diante do mito de Dom Sebastião. Essa figura-chave da nação portuguesa é revista à proporção que as análises de Eduardo Lourenço surgem, bem como a crítica ao herói proposta por Anatol Rosenfeld.

Luís Felipe Machado Toledo também se volta à produção saramaguiana, em especial, o conto. Em “Tensões entre razão, natureza e mito em ‘Centauro’, de José Saramago”, presente em *Objecto quase*, o pesquisador analisa a narrativa salientando dois aspectos: primeiro, a condição metade animal e metade humana do ser mítico servirá como símbolo da própria condição humana, dividida entre a esfera civilizatória e a selvagem; segundo, a relação entre a sociedade e o centauro, examinando o tema pelo viés metafórico, isto é, o abandono dos mitos em direção ao primado da racionalidade.

Diante das muitas sendas que levam a José Saramago, Marilda Beijo Frões, em “A presença de Montaigne na escrita de José Saramago”, investiga o modo como a escrita ensaística do autor português se aproxima das teorias sobre o gênero ensaio, desenvolvidas pelo filósofo Michel de Montaigne. Demonstra como a ligação de José Saramago com Montaigne aparece pulverizada por toda obra do escritor, por isso, lança visão panorâmica sobre a produção saramaguiana e traça amplo percurso reflexivo até chegar ao romance *Manual de pintura e caligrafia*. A pesquisadora entende que o viés ensaístico, como tipo de escrita consciente do ofício e do ato de escrever, surge na escrita ficcional, de forma metalinguística, uma vez que José Saramago constrói uma reflexão intrínseca à escrita. Desse modo, discute o ofício e a responsabilidade de lidar com as palavras, ensaiando tentativa de compreender o mundo que o rodeia e como ele interage com o mundo, ao mesmo tempo que compõe sua prosa de ficção

Gustavo Silveira Ribeiro, no artigo “Alberto Pimenta: as casas movediças”, discute parte da produção mais recente do poeta, ensaísta e performer português com base em dois pontos: o primeiro, a insistente instabilidade formal buscada pelo autor, que a cada novo projeto reinventa sua obra e descarta procedimentos construtivos anteriormente utilizados, logo, parte em busca de novas questões e diálogos possíveis com a tradição, foco de seus trabalhos mais recentes; o segundo, a manutenção, em projetos muito diversos entre si, dos compromissos políticos e da dimensão crítica dos escritos do autor, que volta seu olhar, uma vez mais, para a vida dos mais pobres e para as injustiças do mundo contemporâneo, sobretudo para o que se passa nas relações de trabalho em Portugal, em particular, e nas margens da Europa, em geral.

Como há muitas formas de se ser atual, clássico e canônico, Maria Eduarda Senibaldi e Gustavo de Mello Sá Carvalho Ribeiro retomam Camilo Castelo Branco e José de Alencar. No artigo “A desidealização da personagem romântica feminina em Camilo Castelo Branco e José de Alencar”, calcado em leitura comparativa de *A neta do arcebispo* e *Lucíola*, verificam o modo de construção de personagens femininas fortes e fora do padrão do Romantismo e da sociedade do século XIX.

Centralizam a análise nas personagens Liberata e Lúcia - ambas prostitutas – para ler criticamente a negação da idealização romântica do feminino, sendo ambas descritas como donas de suas vontades e, apesar da marginalização sofrida pela posição social, estabelecem os próprios princípios e moral de vida.

Paulo Ricardo Kralik Angelini e Matheus Medeiros Pacheco, em “Meu Brasil português: os estereótipos do Brasil em *Meu Portugal brasileiro*”, retomam o pensamento pós-colonial para perscrutar como o Brasil e os brasileiros são retratados na obra *Meu Portugal brasileiro*, de José Jorge Letria. Valem-se das teorias do estereótipo elaboradas por Robert Stam e Homi K. Bhabha. Dessa forma, indo para a literatura portuguesa hipercontemporânea, mostra-se como representações estereotípicas acerca do Brasil e dos brasileiros continuam, pois o Brasil continua a ser retratado como um país perfumado e colorido, repleto de frutas e comidas exóticas, pessoas de muitas raças, em que há liberdade nos costumes e uma cultura atrasada. Mesmo que *Meu Portugal brasileiro* tente questionar representações equivocadas do Brasil, acaba caindo em uma estereotipagem que ainda persiste no século XXI. Por fim, abordam o movimento contemporâneo de questionamento da imagem brasileira e da questão colonial na literatura portuguesa, em autores como Alexandra Lucas Coelho, Dulce Maria Cardoso, entre outros.

Marcus Vinicius Lessa de Lima, em “Manuel de Freitas: resposta crítica”, retoma o poeta, editor e crítico literário português Manuel de Freitas, em especial, a ligação entre poesia e música no mundo contemporâneo, bem como reflete sobre a inserção da poesia no panorama editorial brasileiro e passa, de certa forma, pelo discurso da negação da poesia contemporânea, amparado por uma renúncia mais geral do contemporâneo, percebido como tempo de crise.

Focalizando dinâmica entre modernidade e tradição, surge a questão de autores postos à margem, ausentes do cânone clássico das literaturas de língua portuguesa, entre esses nomes surge o de Guiomar Torrezão. Escritora, jornalista, contista, dramaturga, romancista e poetisa lisboeta está ausente dos livros de História do Teatro Português; contudo, ao longo de sua vida, a autora traduziu e imitou várias peças e escreveu alguns originais. Além de tradutora e dramaturga, Guiomar Torrezão exerceu o importante e incomum papel de crítica teatral para alguns periódicos como o *Diário Ilustrado* e *Ribaltas e Gambiarras* (1881), feito espantoso para uma mulher.

Assim, a escritora, significativamente, é tema de dois artigos, assim como ocorre com Sophia de Mello Breyner Andresen. O primeiro de Claudia Barbieri, intitulado “Do drama à comédia: considerações sobre *Amor de filha* e *Educação moderna* de Guiomar Torrezão, aborda como as personagens Virgínia, do drama *Amor de Filha*, e Christiana e Gabriela, da comédia naturalista *Educação Moderna* (1891), permitem a discussão acerca da educação feminina, do casamento à medida que discutem o papel da mulher na sociedade portuguesa oitocentista. A pesquisadora destaca como é possível perceber mudanças importantes na

concepção das personagens e na valoração da autonomia e da liberdade femininas, uma vez que as atitudes, as ações e as falas se tornam mais potentes. Para embasar as leituras, entre outros, são recuperadas as críticas coevas das peças e um artigo da própria autora refletindo sobre educação.

Também retomando Guiomar Torresão, Bianca Gomes Borges Macedo, em “Modernidade e personagem feminina na contística de Guiomar Torresão”, lê criticamente a representação da personagem feminina pela análise da preceptora Miss Mary, no conto “Idílio à inglesa”, publicado na coletânea homônima, em 1886, de Guiomar Torresão. Investigam-se como os temas da instrução e da profissão contribuíram para as reflexões sobre o modo como a escritora buscava uma ruptura com os moldes patriarcais e conservadores impostos às mulheres na sociedade oitocentista. A desafetação da linguagem, os efeitos cômicos e a falta da expressão sentimental da preceptora irlandesa em “Idílio à inglesa” servem como elementos norteadores na discussão a respeito do afastamento da estética romântica e um diálogo intenso com o realismo-naturalismo pela escrita de Guiomar Torresão.

Saímos, na sequência, de uma autora esquecida do cânone para um autor ultracanônico: Eça de Queiroz. Sérgio Nazar David e Isabela Coradini Pinheiro, no artigo “Sociedade e literatura: os personagens leitores na ficção queirosiana”, examinam a representação de alguns personagens leitores nas obras *O primo Basílio* e *Os Maias*, considerando a cultura literária e a educação dos homens e das mulheres da época. Os autores abordam as leituras consumidas pelos personagens – tanto femininos quanto masculinos – e o reflexo dessa literatura na construção de cada leitor presente nas respectivas narrativas. É importante reconhecer, nesse contexto, a literatura como uma forma de retratar o meio cultural oitocentista. Pela produção literária proveniente de Portugal e de outros países, os movimentos literários influenciam os indivíduos da sociedade portuguesa do século XIX e, conseqüentemente, são explicitados na ficção de Eça de Queiroz por meio de caracterizações excepcionais de personagens detalhados e complexos.

Fechando a seção de artigos, Bruna Pascoal Correa também se volta a um autor canônico da literatura portuguesa, em “O medo enquanto vestígio gótico em ‘A estranha morte do professor Antena’, de Mário de Sá-Carneiro”, conto de 1914. Cotejando medo e perspectivas góticas, a pesquisadora focaliza a presença do medo dentro do conto selecionado para esmiuçar como ambos corroboram para a formulação da instabilidade e da ambigüidade intrínsecas ao universo narrativo do conto.

Na seção *Varia*, Alexandre Silveira Campos, em “Mito e literatura em *Niebla*, de Miguel de Unamuno, realiza análise semiótica das relações entre mito e linguagem literária, bem como entre realidade e ficcionalidade. Para isso, toma como objeto a lenda do “fogueteiro” que aparece dentro de *Niebla*, um dos mais importantes romances do escritor e filósofo espanhol Miguel de Unamuno. Discute-se como o mito contato por um dos personagens dentro do enredo atua no romance

de várias maneiras, entre elas, a relação de dominação e resistência entre as esferas do masculino e do feminino.

Margarete Afonso Borges Coêlho, em “*O nome da rosa* de Umberto Eco à luz da metaficção historiográfica”, analisa *O Nome da Rosa* do escritor italiano Umberto Eco via metaficção historiográfica, conceito proposto por Linda Hutcheon, em *A poética do pós-modernismo*. Embora o livro seja classificado como romance histórico pelo próprio autor, a pesquisadora problematiza se há elementos suficientes que possibilitem também sua leitura sob o viés da metaficção historiográfica.

Fechando este primeiro volume do número 59 da *Itinerários – Revista de literatura*, a resenha de Carolina Duarte Damasceno sobre *Não fossem as sílabas do sábado* apresenta e instiga a leitura do romance de Mariana Salomão Carrara, lido como “corajoso retrato do luto e de seus desdobramentos”.

Este compêndio convida a uma viagem crítica pelas literaturas de língua portuguesa, em que as sendas revelam perspectivas sobre a condição humana, política e cultural, assim como focalizam desafios atuais. A organização destaca as conexões entre diferentes tradições literárias e caminhos que essas têm tomado na contemporaneidade. Assim, as análises empreendidas demonstram a vitalidade e a capacidade transformadora das literaturas de língua portuguesa. O dossiê convida o leitor a percorrer sendas literárias diversas, em que as confluências entre tempos, temas e vozes revelam a riqueza do diálogo literário entre gêneros e tempos.

Rodrigo Valverde Denubila
Paulo César Andrade da Silva
Jorge Vicente Valentim